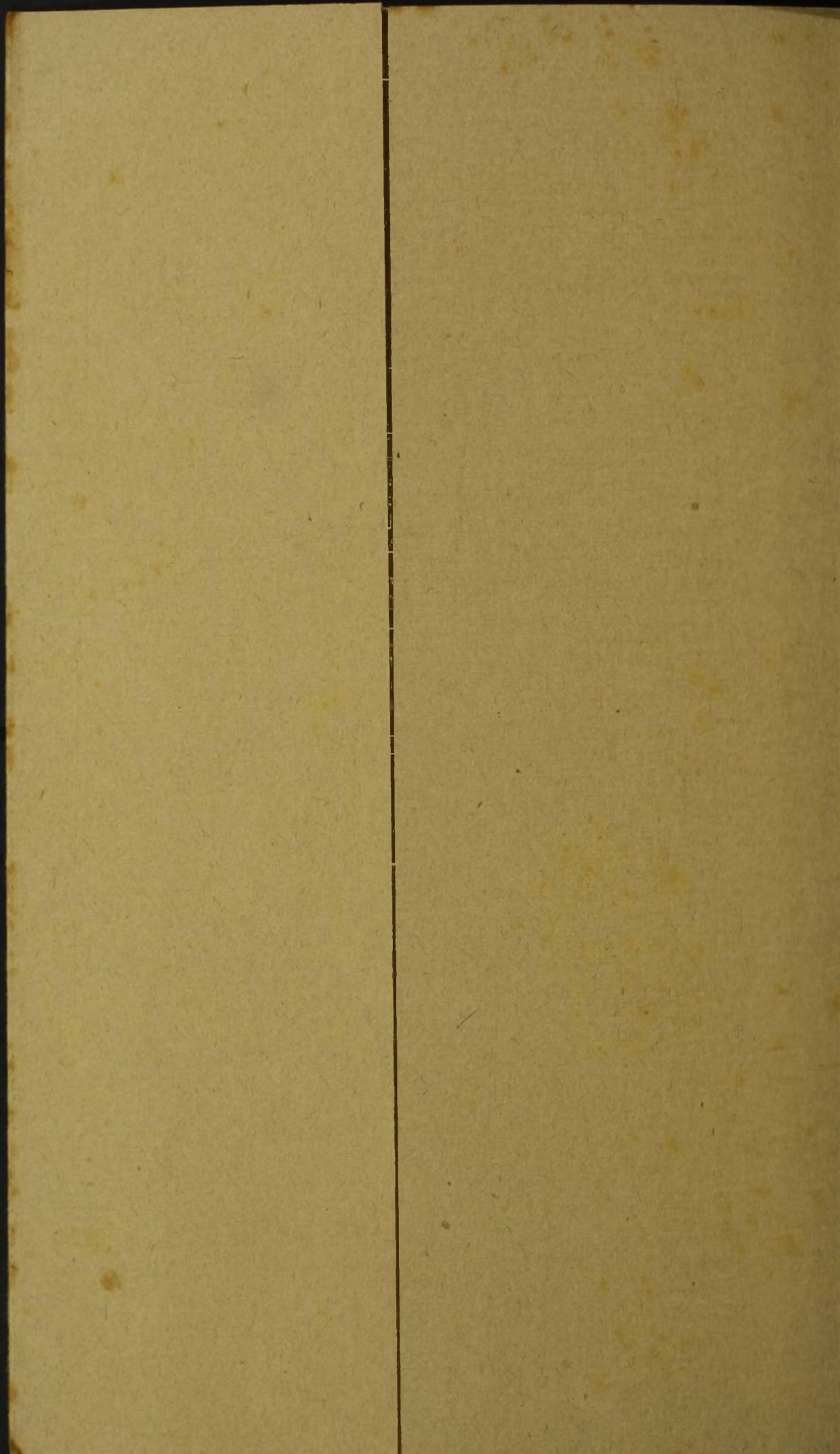
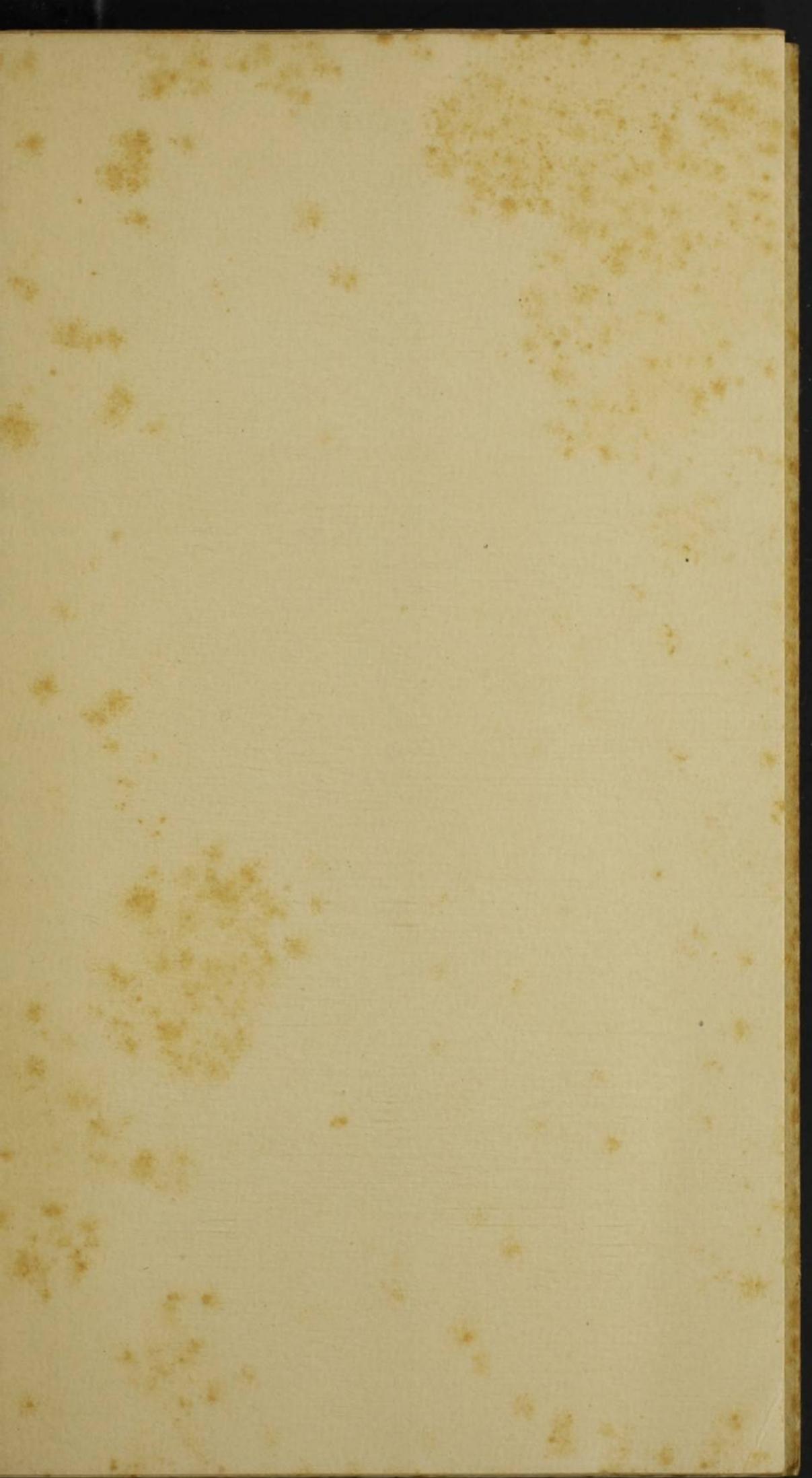


DOIS PARLAMENTOS

por

JOÃO CABRAL DE MELO NETO





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, *Des livres*)

Ex Libris
José Mindlin

DOIS
parlamentos

DOIS PARLAMENTOS

por

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

MADRID, 1961

**A Yedda e Augusto Frederico
Schmidt**

Congresso no Polígono das Secas

(ritmo senador; sotaque sulista)

- Cemitérios gerais
onde não só estão, os mortos.
- Eles são muito mais completos
do que todos os outros.
- Que não são só depósito
da vida que recebem, morta.
- Mas cemitérios que produzem
e nem mortos importam.
- Eles mesmos transformam
a matéria prima que têm.
- Trabalham-na em tôdas as fases
do campo aos armazéns.
- Cemitérios autárquicos,
se bastando en tôdas as fases.
- São êles mesmos que produzem
os defuntos que jazem

- Cemitérios gerais
onde não se pode que se ache
o que é de todo cemitério:
os mármoreis em arte.
- Nem mesmo podem ser
inspiração para os artistas
êsses cemitérios sem vida,
frios, de estatística.

- Se muito, podem ser
tema para as artes retóricas
que os celebram porém do Sul,
longe da tumba tôda.
- Isto é, para a retórica
de câmara (câmara política),
que se exercita humanizando
tais defuntos de cifra.
- Cemitérios gerais
onde não se guardam os mortos
ao alcance da mão, ao pé,
á beira de seu dono.
- Neles não há gavetas
em que, ao alcance do corpo,
se capitalizar os resíduos
possíveis de um morto
- A todos os defuntos
logo o Sertão desapropria,
pois não quer defuntos privados
o Sertão coletivista.
- E assim não reconhece
o direito aos túmulos estanques,
mas socializa seus defuntos
numa só tumba grande.
- Cemitérios gerais
onde não cabe fazer cércas.
- Nenhum revêzo caberia
o que dentro devera.
- Onde o morto não é,
só, o homem morto, o defunto.
- De mortos muito mais gerais:
bichos, plantas, tudo.
- De mortos tão gerais
que não se pode apartação.
- O jeito é mesmo consagrar
cemitério a região.
- Assim, há cemitério
que a tudo ali morto comporte.
- Consagrando tudo cemitério
é tudo que sepode.

- Nesses cemitérios gerais
não é a morte excesso.
 - Ela não dá ao morto
maior volume nem mais peso.
 - A morte ali não é bagagem
nem excesso de carga.
 - Ali, ela é o vazio
que faz com que se murche a saca.
 - Que esvazia, mais, uma saca
aliás nunca plena.
 - Ela esvazia o morto,
a morte ali, jamais o emprenha.
 - A morte ali não indigesta,
mais bem, é morte azia.
 - É o que come por dentro
o envólucro que nada envolia.
-
- Nesses cemitérios gerais
não é a morte gôsto,
a morte quase tacto,
espessa, em ar de banho morno.
 - Não há o ar que banha os vivos
em volta da banheira
dentro da qual o morto
banha na sua auréola espessa.
 - A morte ali é ao ar-livre,
sêca, sem o ressaibo
que tanto emociona
no sabor de Rilke ou de cravo.
 - Ela não é nunca a presença
profunda de um defunto,
sim morte escancarada,
sem mistério, sem nada fundo.
-
- Nesses cemitérios gerais
não há morte isolada,
mas a morte por ondas,
para certas classes convocadas.
 - Nunca chega para um só morto,
mas sempre para a classe,
como para o serviço
nas circunscrições militares.

- Há classes numerosas, como
a de Setenta-e-Sete,
mas sempre cada ano
o recrutamento se repete.
- E grande ou não, a nova classe
designada pelo ano,
segue para a milícia
de onde ninguém se viu voltando.
- Nesses cemitérios gerais
não há morte pessoal.
- Nenhum morto se viu
com modelo seu, especial.
- Vão todos com a morte padrão,
em série fabricada.
- Morte que não se escolhe
pois que é fornecida de graça.
- Que acaba sempre por se impor
sobre a que já medrasse.
- Vence a que, pessoal,
alguém já levasse na carne.
- Mas afinal tem suas vantagens
aquela morte em série.
- Faz defuntos funcionais,
próprios a uma terra sem vermes.

- Nesses cemitérios gerais
os mortos não variam nada.
- É como se morrendo
nascessem de uma raça.
- Todos êsses mortos parecem
que são irmãos, é um mesmo porte.
- Se não da mesma mãe,
irmãos da mesma morte.
- E mais ainda: que irmãos gêmeos,
do molde igual do mesmo ovário.
- Concebidos durante
a mesma sêca-parto.
- Todos, filhos da morte-mãe
ou mãe-mprte, que é mais exato.
- De qualquer forma, todos
gêmeos, e morti-natos.

- Nesses cemitérios gerais
os mortos não têm o alinho
de vestir seu rigor
ou mesmo de domingo.
 - Os mortos dali vão despidos
e não só da roupa correta
mas de tôdas as outras,
mínimas, etiquetas.
 - Daquelas tôdas que se exigem
para se entrar em tal serão,
mortalha, para todos,
e rêde, aos sem caixão.
 - Assim, ficam todos de fora,
sem entrar nos salões da terra,
entre pedras, gravetos,
no sereno da festa.
-
- Nesses cemitérios gerais
os mortos não têm êsse ar
pisado, que uma dor
deixa atrás ao passar.
 - Ou o ar inteligente, irônico,
que outros têm, de ter descoberto
o que só êles vêem
e não dizem, discretos.
 - Eis um defunto nada humano,
que nem lembra um homem, se foi,
e no qual nada mostra
se a morte doeu, ou doi.
 - Se lembra algo, lembra é as pedras,
essas de ar não inteligente,
as pedras que não lembram
nada de bicho ou gente.
-
- Nesses cemitérios gerais
os mortos não mostram surpresa.
 - A mortes para êles
é coisa rotineira.
 - Nenhum tem o ar de ter morrido
em instantâneo, ou guilhotina.
 - Porém de um sono lento
que dorme, não fulmina.

- Em nenhum deles há as posturas
dêsses que morrem sob protesto.
 - É sempre a mesma pôse,
sem nenhum grito, gesto.
 - Entre êles gestos de eloquência
não se vêem nunca, quando a morte.
 - Todos morrem em prosa,
como foram, ou dormem.
-
- Cemitérios gerais
que não exibem restos.
 - Tão sem ossos que até parece
que cachorros passaram perto.
 - De mortos restam só
raríssimos sinais.
 - Muito menos do que se espera
com a propaganda que se faz.
 - Como que os cemitérios
roem seus próprios ossos.
 - É como se, como um cachorro,
após roer, cobrissem os ossos.
 - Eis porque êles são
para o turista um lôgro.
 - Pensamos: não pensei que a morte
houvesse desfeito tão poucos.
-
- Cemitérios gerais
que os restos não largam
até que os tenham trabalhado
com sua parcial matemática.
 - E terem dividido
o resto pelo nada,
e então restado do que resta
a pouca coisa que restava.
 - Ali toda aritmética
dá o resultado nada,
pois dividir e subtraír
são as operações empregadas.
 - E caso alguma coisa
é ali multiplicada
será sempre para elevar
o resto à potência do nada.

- Cemitérios gerais
que dos restos não cuidam
nem fazem prorrogar a vida
ainda nos mortos, porventura.
 - E cujos restos são
de defuntos defuntos,
por falta de folhas, formigas,
para prolongar seu circuito.
 - Nem conhecem a fase,
prima, da podridão,
em que os defuntos se projetam,
quando nada, em exalação.
 - Só restos minerais,
infecundos, calcários,
se encontram nesses cemitérios,
menos cemitérios que ossários.
-
- Cemitérios gerais
que não toleram restos.
 - Nem mesmo um pouco que se possa
encomendar ao céu ou ao inferno.
 - Eles todos os restos
da mesma forma tratam.
 - Talvez porque os mortos que têm
não tenham tal resíduo, a alma.
 - Talvez por elas terem
consistência mais rala.
 - E sejam no ar fácil sorvidas
como uma gota em outra de água.
 - Não há é porque usar
aqui a imagem da água.
 - Melhor dizer: como uma gota
de nada em outra de nada.

Festa na Casa-Grande

(ritmo deputado; sotaque nordestino)

- O cassaco de engenho,
o cassaco de usina:
- O cassaco é um só
com diferente rima.
- O cassaco de engenho
banguê ou fornecedor:
- A condição cassaco
é o denominador.
- O cassaco de engenho
em qualquer Pernambuco:
- Dizendo-se cassaco
se terá dito tudo.
- Seja qual for seu nome,
seu trabalho, seu sôldo:
- Dizendo-se cassaco
se terão dito todos.

- O cassaco de engenho
quando é criança:
- Parece cruzamento
de caniço com cana.
- O cassaco de engenho
criança é mais caniço:
- Puxa mais bem ao pai
porque não é maciço.

—O cassaco de engenho
quando é criança:
—Não só puxa ao caniço,
puxa também à cana.
—Mas à cana de soca,
repetida e sem fôrça:
—A cana fim de raça
de quarta ou quinta folha..

—O cassaco de engenho
quando é mulher:
—É um saco vazio
mas que se tem de pé.
—O cassaco de engenho
mulher é como um saco:
—De açúcar, mas sem ter
açúcar ensacado.
—O cassaco de engenho
quando é mulher:
—Não é um saco feito
para conter, reter.
—É um saco mas já feito
para se derramar:
—De outros que não se sabe
como se fazem lá.

—O cassaco de enhenho
quando é um velho:
—Sòmente por acaso
ele alcança êsse tecto.
—O cassaco de engenho,
velho, nem é acaso:
—É que um cassaco novo
apressou-se no prazo.
—O cassaco de engenho
quando é um velho:
—Então, chegado aí
se apressa em esqueleto.
—Se apressa a descarnar
como taipa em ruína:
—E como são de taipa
o esqueleto é faxina.

- O cassaco de engenho
de longe é como gente:
 - Da perto é que se vê
o que há de diferente.
 - O cassaco de engenho
de perto, ao olho esperto:
 - Em tudo é como um homem,
só que de menos preço.
 - Não há nada de homem
que não tenha, em detalhe,
e tudo por inteiro,
nada pela metade.
 - É igual, mas apesar,
parece recortado
com a tesoura cega
de alfaiate barato.
-
- O cassaco de engenho
de longe é de osso e carne:
 - De perto é que se vê
que de outra qualidade.
 - O cassaco de engenho
se se chega a tocá-lo:
 - É outra a consistência
de seu corpo, é mais ralo.
 - Tem a textura bruta
e ao mesmo tempo frouxa
menos que algodãozinho,
mais própria das estopas.
 - E dos panos poídos
chegados ao estado
em que no português
pano passa a ser trapo.
-
- O cassaco de engenho
de longe é o mesmo barro:
 - De perto é que se vê
que o dêle foi mais baço.
 - O cassaco de engenho
é opaco e mortiço:
 - Nunca aprende dos aços
da usina, seu brilho.

- Nem do brilho mais cego
do cobre que êle vê
nos tachos em que mexe
num engenho banguê.
- Sequer aprende o brilho
dos cabos das enxadas
que êle enverniza em séco
com a lixa da mão áspera.

- O cassaco de engenho
de longe é branco ou negro:
- De perto é que se vê
que é amarelo mesmo.
- O cassaco de engenho
é amarelo sempre:
- Mas do amarelo podre
que é verde levemente.
- Desse verde amarelo
em que azul não entra,
e que não fôsse nele
se diria doença.
- Um verde especial,
espécie de auriverde,
só dêle, branco ou preto,
de receita só dêle.

- O cassaco de engenho
quando está dormindo:
- Se vê que é incapaz
de sonhos privativos.
- Neles não há o ar
distante ou distraído
de quem detrás das pálpebras
um sonho está assistindo.
- Detrás de suas pálpebras
haverá apenas treva
e de certo nenhum
sonho ali se projeta.
- O cassaco de engenho
dorme em sala deserta:
- A nenhum filme assiste
e nem dispõe de tela.

- O cassaco de engenho
quando não está dormindo:
 - É como se seu sonho
ainda o encharcasse, limo.
 - Quando não está dormindo
não é que está acordado,
é apenas que atravessa
onde o sono é mais raso.
 - Não tem como evitar
que o marasmo o embeba
e o impeça de subir
à consciência seca.
 - O cassaco de engenho
nunca acorda de todo:
 - Anda sempre nos mangues
do sono, por seu lodo.
-
- O cassaco de engenho
quando no trabalho:
 - Tudo com que trabalha
lhe parece pesado.
 - É como se seu sangue,
que entretanto é mais ralo,
lhe pesasse no corpo,
espesso como o caldo.
 - Como o caldo de cana
já muito cozinhado
e que vai se espessando
no gesto do melaço.
 - O cassaco de engenho
tem o ritmo pesado:
 - Que é o gesto do mel
deixando o último tacho.
-
- O cassaco de engenho
quando não trabalha:
 - As coisas continuam
sendo-lhe pesadas.
 - De sua roupa pouca
está sempre cansado
e pesa-lhe no pé
inexistente sapato.

- Pesa-lhe a mão que leva,
e se não leva nada,
e pesa-lhe igualmente
se se move ou parada.
- Ao cassaco de engenho
pesa o ar que respira:
- E até mesmo lhe pesa
o chão sôbre que pisa.

- O cassaco de engenho
faz amarelamente
tôda coisa que toca
tocando-a, mesmo rente.
- É o contrário do barro
das casas-de-purgar
que se bota no açúcar
a fim de o branquear.
- O cassaco de engenho
purga tudo ao contrário:
- Como o barro, se infiltra,
mas deixa tudo barro.
- Limpa tudo do limpo
e deixa em tudo a nódoa:
- A que há em sua camisa,
sua casa, no que toca.

- O cassaco de engenho
vai amarelamente
entre todo êsse azul
que é Pernambuco sempre.
- Mesmo contra o amarelo,
palha, do canavial,
ainda é mais amarelo
o seu, porque moral.
- O cassaco de engenho
é o amarelo tipo:
- É amarelo de corpo
e de estado de espírito.
- De onde a calma que ás vezes
lembra sabedoria:
- Mas não é calma, nada,
é o nada, é calmaria.

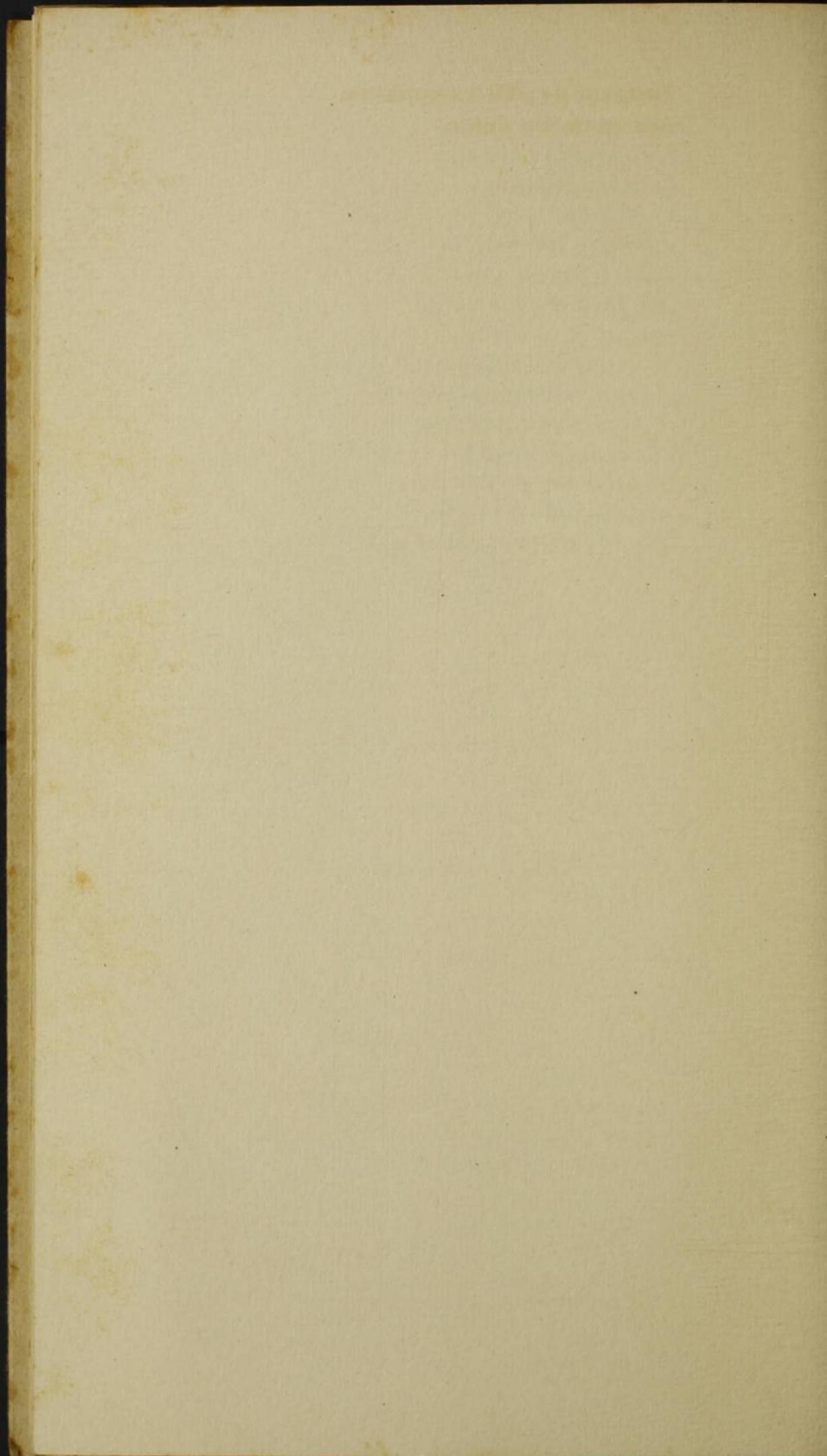
- O cassaco de engenho
é amarelamente
mesmo no mundo em côr
que bebe na aguardente.
 - Primeiro, a aguardente
lhe trás um certo azul
e esquecido o amarelo
êle quer ir-se ao Sul.
 - Ao cassaco de engenho,
depois, o azul é roxo:
 - Já em vez de ir-se ao Sul
deseja é ir-se morto.
 - Por fim, inevitável,
volta a vida amarela:
 - No amargor amarelo
da manhã que desperta,
-
- O cassaco de engenho
vê amarelamente
todo o rosa-Brasil
que êle habita e não sente.
 - Para êle, a água do rio
não é azul mas barro,
e as nuvens, de aniagem,
pardas, de pano saco.
 - Ao cassaco de engenho
nunca a terra é de vargem:
 - E o dia sempre mostra
desmaiada folhagem.
 - E outra é a morte que vem
retratá-lo de face:
 - Não usa pano preto,
cobre-se, sim, de cáqui.
-
- O cassaco de engenho
quando está com febre:
 - Não de febre amarela
mas da de sezões, verde.
 - Por fora, se se toca
no seu corpo de gente:
 - Se pensa que a caldeira
dêle afinal se acende.

- Contudo se se toca
 esse corpo por dentro:
- Se vê que aquela fábrica
 nem tem assentamento.
- Que se é engenho, é
 de fogo frio ou morto:
- Engenho que não moi,
 que só fornece a outros.

- O cassaco de engenho
 quando vai morrendo:
- Então seu amarelo
 se ilumina por dentro.
- Adquire a transparência
 ou o cristal anêmico:
- Aquilo de que a cera
 é o melhor exemplo.
- Adquire a transparência
 própria de qualquer vela:
- Da mesma em cuja ponta
 plantam a chama que o vela.
- A dêle é toda igual
 à carne dessa vela:
- E a chama se pergunta
 porque não a plantam nela.

- O cassaco de engenho
 quando a carregam, morto:
- É um caixão vazio
 metido dentro de outro.
- É morte de vazio
 que sempre leva dentro:
- E como é de vazio,
 ei-lo que não tem dentros.
- Do caixão em que o levam
 nem pode ser miolo:
- Pois como êle é vazio
 se muito será fôrro.
- O entérro do cassaco
 é o entérro de um côco:
- Camadas sucessivas
 em volta do centro ôco.

- O cassaco de engenho
defunto e já no chão:
- Para rápido acabá-lo
tudo faz mutirão.
- O massapê, piçarra,
e a Mata faz Sertão:
- E o sol, para ajudar,
se é inverno, faz verão.
- Para roer os ossos
os vermes viram cão:
- E autra vez vermes, vendo
o giz que os ossos são.
- E o vento canavial
dá também sua demão:
- Areja o bafo de alma,
levando-a (lavando), são.



**Tiragem de 200 exemplares,
por conta do autor.**

23702

